Dia 13 — Santo Anacleto, Papa e Mártir

O terceiro pontífice que governou a Igreja de Jesus Cristo depois de São Pedro foi São Clemente; e, tendo coroado suas apostólicas fadigas com a glória de seu ilustre martírio no tempo do imperador Trajano, e no ano 102, esteve vaga a santa sé por espaço de cinco meses. Não pôde juntar-se antes o clero romano para proceder à eleição, por causa da perseguição suscitada contra os cristãos, até que enfim, no dia 3 de abril do ano seguinte, de 103, depois de longas orações, foi eleito Santo Anacleto por supremo pastor do rebanho de Jesus Cristo, com aclamação e gozo universal de todos os fiéis. Era grego de nação, natural de Atenas e de família muito honrada. Seu pai Antíoco pôs o maior cuidado em dar-lhe a melhor educação e, unida esta a um natural nascido para a virtude, acompanhado de um engenho sobressalente, formou em Anacleto um dos jovens mais cabais de toda a Grécia. Achando-se São Pedro em Atenas, reconheceu que Deus tinha destinado aquele jovem para si e o converteu à fé; de onde facilmente se deixam discorrer os grandes progressos que faria na ciência dos santos sob a disciplina de tal mestre. Foram tantos, como diz Santo Inácio em sua epístola aos Tralianos, que, movido o santo apóstolo de sua vida exemplar, de seu zelo pela religião, da inocência de seus costumes e do raro talento de que o havia dotado o Senhor, admitiu-o no clero, conferiu-lhe as sagradas ordens e ordenou-o de diácono.

Revestido Anacleto com este caráter, serviu maravilhosamente a São Pedro nas sagradas funções do apostolado, sendo fiel companheiro de seus trabalhos e de suas viagens; e, experimentando o apóstolo quanto o ajudava aquele seu querido discípulo, tomou a seu cargo instruí-lo por si mesmo e ordenou-o de sacerdote. Com a nova dignidade fez-se mais santo e também mais útil ao público; de maneira que, acrescentando-se a seus angélicos costumes a excelência de seu engenho, em breve tempo foi um dos mais santos ministros da Igreja.

Depois que o príncipe dos apóstolos coroou seu apostolado com o glorioso martírio, prosseguiu Anacleto trabalhando com o mesmo zelo e com o mesmo fruto nos pontificados de São Lino, São Cleto e São Clemente, tanto que com verdade se pode dizer que deveu a Igreja às apostólicas fadigas de nosso santo muita parte dos grandes e maravilhosos progressos que fez em Roma a religião em tempos tão lastimosos. Em virtude disto, houve pouco que fazer para encontrar um digno sucessor de São Clemente. Foi escolhido de unânime consentimento o presbítero Anacleto, cuja eleição, logo que se divulgou, foi geralmente aplaudida em toda a Igreja.

Ainda que o imperador Trajano não publicasse lei nem edito algum contra os cristãos, nem por isso deixou de ser muito cruel e muito violenta a perseguição que padeceram em seu tempo; poucas cidades do Oriente e do Ocidente deixaram de ser regadas com o sangue dos mártires. Em todas as partes se apresentavam à vista potros, forcas e cadafalsos levantados para exterminar os fiéis;

principalmente se desencadeou o inferno contra os bispos, persuadindo aos gentios que, privadas as ovelhas dos pastores, facilmente se dispersaria o rebanho e em breve se desfaria a Igreja. Como já desde então era Roma o centro da religião, também foi o mais sangrento teatro destas cruéis tragédias. Haviam derramado nela seu sangue por Jesus Cristo os gloriosos apóstolos São Pedro e São Paulo; tiveram a mesma ventura São Lino, São Cleto e São Clemente, e não se passava dia sem que se sacrificasse algum cristão ao furor dos idólatras. Este era o estado da Igreja quando entrou a governá-la Santo Anacleto.

Necessitou bem de toda a sua virtude, de toda a sua experiência, de todo o seu zelo e de todo o seu valor para dirigir o leme entre tempestades tão furiosas, e em tempo em que cada um fazia mérito de perseguir os cristãos. Dispersas e atemorizadas as ovelhas, deixam-se facilmente discorrer os cuidados, as fadigas, a solicitude e os desvelos que custariam ao pastor. Tudo se devia temer naquela como primeira e terna infância da Igreja: o poder e a crueldade dos inimigos de Jesus Cristo, seu ódio e sua multidão, o furor dos pagãos, a raiva dos judeus, o medo e a relaxação dos mesmos cristãos; mas a tudo atendeu o santo pontífice, alentando a uns, confundindo a outros e conservando com fidelidade o sagrado depósito da fé, sem deixar de dedicar-se com grande felicidade a regrar e a manter a disciplina eclesiástica.

Publicou admiráveis decretos para fomentar o fervor e para corrigir os abusos que se podiam introduzir nos costumes. Persuadido da necessidade que tinham os fiéis de alimentar-se amiúde com o sagrado corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, ordenou que comungassem todos os que assistissem ao santo sacrifício da missa; declarando que os que deixassem de sustentar-se com este divino pão dos fortes seriam considerados como meio vencidos e como indignos de concorrer à congregação dos fiéis. Não julgava possível este grande pontífice, criado, por dizê-lo assim, aos peitos dos apóstolos, que um cristão, exposto cada dia a ser apresentado aos tiranos, pudesse resistir aos tormentos não estando fortalecido com este alimento celestial. Mandou que à consagração de um bispo assistissem outros três para fazer a cerimônia e que se conferissem em público todas as ordens sagradas; proibiu, assim aos prelados como a todos os ordenados *in sacris*, que trouxessem o cabelo comprido e que seguissem as modas dos seculares; querendo que os ministros do altar se distinguissem dos demais não menos na modéstia do traje que na inocência e exemplar integridade dos costumes.

Verdadeiramente causa admiração que em tempos tão críticos e tão borrascosos como alcançou este santo papa lhe pudesse permitir sua solicitude pastoral descer a tão religiosas minudências e estender sua vigilância a todas as necessidades da Igreja. Assegura-se que este grande pontífice, para deixar à posteridade um monumento de sua devoção e de seu reconhecimento ao príncipe dos apóstolos, a quem devia sua conversão, acabou de edificar uma igreja em memória de São Pedro em cima de seu sepulcro, a que havia começado sendo simples sacerdote e à qual desde então se deu o nome de Triunfo dos Apóstolos, como tudo se refere no pontifical de São Dâmaso.

Não é fácil imaginar virtude mais sobressalente, capacidade mais extensa, caridade mais abrasada, zelo mais aceso nem mais generoso que o que se admirava em Anacleto. Diz-se que no Vaticano escolheu e benzeu certo sítio distinto, destinando-o para sepultura dos sumos pontífices, e que ordenou que nos cemitérios comuns dos cristãos houvesse um lugar separado para enterrar os que houvessem padecido o martírio. Em seu pontificado ordenou três diáconos, cinco

presbíteros e seis bispos. Parece mais que verossímil que se ocultaram à posteridade muitas das maravilhas e dos ilustres feitos que obrou o imenso zelo deste insigne pontífice, negando-se à notícia dos fiéis pela falta de escritores em tempos tão calamitosos; só se sabe de certo que, tendo governado a Igreja com inumeráveis fadigas e trabalhos nove anos, três meses e dez dias, coroou seu pontificado com um glorioso martírio no dia 13 de julho, ao princípio do segundo século.

Martirológio Romano

Em Roma, Santo Anacleto, papa e mártir, que governou a Igreja de Deus depois de São Clemente e a ilustrou ao fim com um glorioso martírio.

No mesmo dia, São Joel e Santo Esdras, profetas.

Na Macedônia, São Silas, que, sendo um dos primeiros irmãos e tendo sido destinado pelos apóstolos para as igrejas dos gentios com São Paulo e São Barnabé, desempenhou com o maior zelo e perseverança a pregação; e, glorificando a Deus em meio de seus padecimentos, descansou por fim na paz do Senhor.

Também na Macedônia, São Serapião, mártir, que, sob o imperador Severo e o presidente Áquila, alcançou a coroa do martírio pelo suplício do fogo.

Na ilha de Quios, Santa Miropa, mártir, que, sob o imperador Décio e o presidente Numeriano, rendeu a alma a Deus, morta a cacetadas.

Na África, os santos confessores Eugênio, bispo de Cartago, esclarecido por sua fé e suas virtudes, e todo o clero da mesma igreja, composto de umas quinhentas pessoas, entre as quais se contavam alguns leitores ainda meninos, os quais todos, depois de cruéis açoites e de muita fome, aguentaram gozosos no Senhor os rigores de um cruel desterro. Havia também entre eles o arquidiácono chamado Salutário e Murita, o segundo dos ministros eclesiásticos, os quais, sendo confessores pela terceira vez, se tornaram ilustres com sua gloriosa perseverança na fé de Jesus Cristo.

Na Bretanha, São Turiafo, bispo e confessor, varão de admirável candor e inocência.

Em Aubeterre, perto de Clermont, na Alvérnia, Santa Perenela, da ordem premonstratense.

Em Trieste, São Zenão e Santa Justina, mártires.

Nas fronteiras do Egito e da Etiópia, São Batalão, mártir.

Em Moromil, na Frígia, o natalício dos santos mártires Neão, Nicão e Heliodoro.

No deserto de Escete, no Egito, Santa Sara, virgem.

Na laura de São Sabas, na Palestina, Santo Estêvão o Taumaturgo, monge, sobrinho de São João Damasceno.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Anacleti, martyris tui atque pontificis, annua solemnitate lætificas: concede propitius, ut cujus natalitia colimus, de ejusdem etiam protectione gaudeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a solenidade do bem-aventurado Anacleto, vosso mártir e pontífice, concedei-nos, por vossa bondade, que, quando celebramos seu ditoso nascimento para a glória, experimentemos gozosos sua poderosa proteção. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da segunda do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 1,3-7

> **Latim:** 3 Benedictus Deus et Pater Domini nostri Jesu Christi, Pater misericordiarum, et Deus totius consolationis, 4 qui consolatur nos in omni tribulatione nostra : ut possimus et ipsi consolari eos qui in omni pressura sunt, per exhortationem, qua exhortamur et ipsi a Deo. 5 Quoniam sicut abundant passiones Christi in nobis : ita et per Christum abundat consolatio nostra. 6 Sive autem tribulamur pro vestra exhortatione et salute, sive consolamur pro vestra consolatione, sive exhortamur pro vestra exhortatione et salute, quæ operatur tolerantiam earumdem passionum, quas et nos patimur : 7 ut spes nostra firma sit pro vobis : scientes quod sicut socii passionum estis, sic eritis et consolationis.

Português: 3 Bemdito seja o Deos, e Pai de nosso Senhor Jesu Christo, Pai de misericordias, e Deos de toda a consolação, 4 o qual nos consola em toda a nossa tribulação: para que possamos tambem nós mesmos consolar aos que estão em toda a angústia, pelo conforto, com que tambem

nós somos confortados de Deos. [5] Porque á medida que em nós crescem as penas de Christo: crescem tambem por Christo as nossas consolações. [6] Porque se somos atribulados, para vossa exhortação he e salvação, se somos consolados, para vossa consolação he, se somos confortados, para vosso conforto he e salvação, a qual obra o sofrimento das mesmas afflictões, que nós tambem sofremos: [7] para que seja firme a nossa esperança por vós: estando certos, que assim como sois companheiros nas afflictões, assim o sereis tambem na consolação.

Nota

«No princípio desta segunda epístola dá bem a entender São Paulo aos Coríntios o gozo que tinha com a notícia do bom efeito que havia feito neles a primeira, mostrando nisto que um homem verdadeiramente apostólico não há de ter outro fim que a salvação das almas e a maior glória de Deus.»

Reflexões

Bendito seja o Deus de toda consolação. Oh, e quanta verdade é que só Deus é o Deus de toda consolação e que não se acha consolo fora de Deus! Inutilmente se procura enganar, divertir e alegrar o coração com tudo o que lhe agrada. *Inquietum est cor nostrum, donec requiescat in te*: sempre está acompanhada de amargura a mais requintada alegria quando não tem a Deus por princípio; só Deus pode saciar e sossegar nosso coração; de todos os tempos e de todos os climas são frutos os cuidados e as inquietações; chorando nascemos e chorando morremos. Semeado está de espinhos o espaço que há entre o berço e a sepultura. Todos os frutos que leva a terra são verdes e amargos; só podem saber bem aos que têm estragado o paladar. Deus é unicamente o Deus de toda consolação; não há que buscá-la em outra parte; não há verdadeira doçura que não se derive deste manancial. Foi o homem criado só para Deus; este é nosso único fim e toda a nossa felicidade; não há mais que consultar nosso coração sobre este ponto. Aquele Senhor que a cada criatura assinalou seu fim e o centro de seu repouso, fora do qual está numa contínua agitação, não é verossímil que só ao homem negasse esta prerrogativa, especialmente tendo-lhe ele mesmo impresso uma extrema ânsia de ser ditoso e tendo-o posto na absoluta impossibilidade de sê-lo neste mundo. Há mais de seis mil anos que todos os homens trabalham para ser felizes, e até agora nenhum pôde encontrar aquela felicidade plena e perfeita que cumule e fixe todos os seus desejos; sempre fica no coração um imenso vazio que não podem encher todos os objetos criados. Não nasceu para eles o homem, e assim nem o podem satisfazer nem o podem consolar no lugar de seu desterro; é necessário que se eleve a Deus, e logo que toma este partido acha a paz, a suavidade e o consolo que não pode encontrar em outra parte. Coisa estranha! Busca-se consolo em meio da amargura que inunda toda a terra, e estranha-se que, depois de tantas fadigas e de tantos movimentos, não se encontrem mais que mananciais amargos. É preciso que as inquietações temperem todos os gostos. No mundo não há bem algum puro, todos estão misturados com as adversidades. São as cruzes hereditárias em todas as famílias; nem as mais

opulentas são as mais felizes, nem as maiores as mais tranquilas. São muito contados os dias serenos e de calma; passam-se poucos sem desgostos e sem desassossegos. Em vão se busca o consolo nos tesouros, nas festas, no jogo, nos espetáculos; todas essas diversões suspendem por alguns momentos nosso desassossego; mas só Deus é quem nos consola total e plenamente: *Deus totius consolationis.*

Evangelho

O evangelho é do capítulo 14 de São Lucas, e o mesmo do dia 11, pág. 248.

Lucas 14,26-33

> **Latim:** 26 Si quis venit ad me, et non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus. 27 Et qui non bajulat crucem suam, et venit post me, non potest meus esse discipulus. 28 Quis enim ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt, si habeat ad perficiendum, 29 ne, posteaquam posuerit fundamentum, et non potuerit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei, 30 dicentes : Quia hic homo cœpit ædificare, et non potuit consummare ? 31 Aut quis rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat, si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se ? 32 Alioquin adhuc illo longe agente, legationem mittens rogat ea quæ pacis sunt. 33 Sic ergo omnis ex vobis, qui non renuntiat omnibus quæ possidet, non potest meus esse discipulus.

Português: 26 Se algum vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãas, e ainda a sua mesma vida, não póde ser meu discípulo. 27 E o que não leva a sua cruz, e vem em meu seguimento, não póde ser meu discípulo. 28 Porque qual de vós querendo edificar huma torre, não se põe primeiro muito de seu vagar a fazer conta dos gastos, que são necessarios, para ver se tem com que a acabar, 29 para se não expor a que, depois que tiver assentado o fundamento, e não na poder acabar, todos os que a virem, comeceem a fazer zombaria d'elle, 30 dizendo: Este homem principiou o edifício, e não no póde acabar? 31 Ou que rei ha, que estando para ir para a campanha contra outro rei, não tome primeiro muito de assento as suas medidas, a ver se com dez mil homens poderá ir a encontrar-se com o que traz contra elle vinte mil? 32 D'outra maneira, ainda quando o outro está longe, enviando sua embaixada, lhe pede tratados de paz. 33 Assim pois qualquer de vós que não dá de mão a tudo o que possue, não póde ser meu discípulo.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que devemos servir a Deus e que não podemos servir a dois senhores. Quando Deus nos criou, fez-nos para si e não pôde criar-nos para outro. Todos estamos em seu serviço e somente nos conserva a vida para que a empreguemos nele. Protege-nos, promete-nos o salário, sustenta-nos, e não houve nem pode haver amo mais soberano. Nada temos que não o tenhamos recebido dele; nossos bens, nossa saúde, nossas forças, nossa indústria, nosso talento, nosso espírito, nosso coração, nossa vida, tudo é seu. Tudo isto é, por dizê-lo assim, um cabedal que nos confiou para que negociemos com ele e para ele, do qual nos há de pedir estreita conta: estes são os meios que nos emprestou para servi-lo; aplicá-los a outra coisa é furto, é latrocínio. Viver no mundo e não servir a Deus é ser um criado que conspira contra seu amo. Que injustiça! Que impiedade! Não há criatura no universo que não obedeça a seu Deus, que se desvie um ponto de suas ordens, que não faça precisamente aquilo para que Deus a criou; só o homem lhe é rebelde; só ele se resiste a servir ao maior, ao mais doce amo, ao Senhor mais amável de todos os senhores, ao único entre todos que merece ser servido. Admiramos esta ordem inalterável de dias e de noites, de estações e de climas, o regrado e exato curso dos astros; toda a admirável economia do universo nos suspende; mas ao mesmo tempo não nos dá também no rosto com nossa desordem? Esse sol, que há seis mil anos sai e se põe tão regularmente todos os dias, sem ter-se desviado nem um só ponto do lugar onde Deus o fixou depois de tantos séculos: esse sol, volto a dizer, não nos está dando no rosto mudamente com nossa infidelidade no serviço daquele Senhor que, tendo-nos criado para si, nos intimou ordens, regras e mandamentos? Não nos teria tirado Deus do nada se não tivesse sido para empregar-nos em seu serviço; pois que cuidado, que ânsia, que aplicação pomos em dar-lhe gosto? Seja o que for, tudo o que fizermos, empregos, cargos, embaixadas, governos, estudo, comércio, tudo é perdido, tudo é inútil, tudo é pernicioso, se não servimos a Deus em todos esses empregos e em todas essas ocupações; se não fazemos nelas o que ele quer. Ah, Senhor, quão injusto é que, sendo vós o único dono que merece todos os nossos serviços, sejais entre todos o pior servido!

Segundo ponto

Considera se sofreríamos muito tempo em nossa casa um criado que não nos servisse melhor do que nós servimos a Deus. Ó bom Deus, que negligência, que infidelidade, que desídia mais escandalosa! Serve-se com ânsia, com zelo, com atividade a um amigo, a um protetor, a um senhor poderoso; só vós sois servido com descuido. No exército, nos tribunais, nos empregos, no comércio, na terra, no mar, oficiais, ministros, nobres, plebeus, homens de todos os estados, idades e condições, todos se fazem um dever de desempenhar dignamente o posto que ocupam no mundo; porque afinal ninguém gosta de ser tido por inútil: mas serve-se a Deus com o mesmo ardor, com o mesmo empenho, com o mesmo gosto com que se serve ao mundo? Servir a Deus é guardar seus mandamentos, obedecer a suas leis, fazer estudo de dar-lhe gosto em tudo. Servir a Deus é desempenhar com exatidão as obrigações de cristão; é render-lhe um culto religioso e cheio de piedade, é amá-lo com todo o coração, é viver inocentemente. Sendo isto assim, serve-se

a Deus nesse grande mundo? Serve-se-lhe na corte dos grandes? Serve-se-lhe entre os ditosos do século? Serve-se-lhe entre os homens de negócios? Considera-se ao menos por ocupação e por negócio isto de servir a Deus? Será muito crescido o número dos verdadeiros servos de Deus em todas as idades, em todas as condições e em todos os estados? É verdade que em todos eles se encontram almas fiéis que servem ao Senhor em meio da Babilônia como no centro de Jerusalém; mas oh, quão contados são estes fiéis servos seus! Acham-se hoje muitos discípulos fervorosos que ao menos com o afeto renunciem tudo o que possuem por servir a Cristo? Não parece senão que Deus é um Senhor de mero título, sem poder e sem autoridade, a quem tanto se nos dá agradar-lhe como desagradar-lhe, desgostá-lo como comprazê-lo. E quantos falsos discípulos se encontram até entre os mesmos que o são de profissão! Quantos destes mesmos servos seus que nem sequer se dignam levar sua libré!

Ó meu Deus, e quão pouco amado sois! Oh, e quão mal servido! E não serei eu réu de um e de outro delito? Nenhum dia de minha vida devera deixar de servir-vos; mas, ai, quão poucos posso contar empregados em vosso serviço! Ah, que me acho já no fim da carreira e talvez não posso ter o consolo de vos ter servido um só dia! Seja, meu Deus, seja hoje o primeiro em que verdadeiramente vos sirva, e não permitais que viva nem um só senão para servir-vos.

Jaculatórias

> *O Domine, ego servus tuus: ego servus tuus.* Sl 115.

Ó Senhor, eu sou teu servo; eu sou teu servo.

> *Servus tuus sum: da mihi intellectum ut sciam testimonia tua.* Sl 118.

Servo teu sou, meu Deus: ilumina meu entendimento para que conheça e obedeça a teus preceitos.

Propósitos

1. Tem-se por ventura o entrar a servir aos grandes; faz-se vaidade de ser de sua família; serve-se-lhes com exatidão, com fidelidade e com gosto; nada se teme tanto como desgostá-los; mas servimos a Deus com a mesma ânsia e com o mesmo ardor? Certamente, se o servir a Deus é como a voz de nossa religião, pode-se dizer que esta voz está pouco menos que muda num grande número de fiéis. Pergunta-te a ti mesmo sobre este artigo, advertindo ser preciso que teu zelo, tua fidelidade e teu fervor deem testemunho de tua fé; declara-te alta e abertamente pelo serviço de

Deus, a menos que, como tantos outros, te envergonhes de servi-lo. Assim nos dias de trabalho como nos de festa; tanto no retiro de tua casa como em público; não menos em tempo de adversidades que de prosperidade, em tudo e por tudo faze ponto de religião e de honra o parecer bom cristão e sempre fiel servo seu.

2. No serviço de Deus não há coisa pequena. Num criado não tanto se atende a que faça coisas grandes quanto a que execute o que lhe manda seu amo. Serves ao maior e ao melhor de todos os senhores; está conhecida sua vontade; não ignoras seus mandamentos; intimaram-se-te suas ordens; pois executa-as com pontualidade. Tem horror a tudo o que proíbe; nada omitas do que deseja; e faze com fervor e com diligência tudo quanto manda. *Maldito é aquele que serve ao Senhor com negligência*, diz o Sábio. Todas as manhãs na oração hás de considerar que estás no serviço de Deus e que já te tem assinalada a tarefa daquele dia. Em tudo o que fizeres, seja o que for, hás de ter presente que trabalhas para Deus e diante de seus olhos; a principal obra que te pede são as obrigações de teu estado, de teus empregos e de teu cargo; resolve-te a desempenhá-las com toda a possível aplicação e exatidão. Se tens outras obrigações de religião, de caridade e de atenção, também tas pede teu soberano Dono; cumpre-as com piedade, com ardor e com diligência. O motivo é o que dá o mérito e o valor à maior parte das obras; em todas as que fizeres considera-te como servo de Deus, e à noite põe-te em sua presença para dar-lhe exata razão de tudo o que fizeste durante o dia. Lembra-te de que o servo preguiçoso foi tratado como o servo infiel; porta-te com tanta fidelidade, com tanta pontualidade e com tanta prudência que todos os dias te possa dizer o pai de família: *Euge, serve bone, et fidelis*: alegra-te, fiel e exato servo meu, que hoje te portaste bem.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:15 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:16 by Admin